

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Interações entre a comunidade ítalo-brasileira de Urussanga e a mata atlântica (1878 – 1920)

Paola May Rebollar*

RESUMO

A região de Urussanga no sul de Santa Catarina foi ocupada por imigrantes italianos no final do século XIX. A chegada deste grupo promoveu fortes alterações ambientais, relacionadas com a implantação das moradias, o início das atividades agropecuárias e depois com a exploração carbonífera. O objetivo desta pesquisa é registrar as peculiaridades locais da interação entre os colonos ítalo-brasileiros e a floresta entre 1878 a 1920, que levaram a fortes transformações ambientais.

A bibliografia local, arquivos regionais, as imagens, fotografias, locais de memória e entrevistas membros da comunidade foram as fontes de pesquisa utilizadas neste trabalho. Estas fontes foram analisadas a partir da perspectiva da História Ambiental. As interações entre os imigrantes e a floresta em Urussanga promoveram o desaparecimento de muitas espécies animais e vegetais, o extermínio dos indígenas que vivem na região e a poluição de rios e solos com detritos da exploração carbonífera.

ABSTRACT

The region of Urussanga in southern Santa Catarina, was colonized by Italian immigrants during the end of the 19th century. The arrival of these immigrants had a marked effect on the environment, due to the establishment of homesteads, farm fields, and then later coal mining activities. This paper seeks to document the interaction between Italian immigrants and the Atlantic Coast Rainforest from 1878 to 1930, when environmental changes were strongest. Research was conducted using local biographies, regional archives, personal collections of photographs, images, and interviews with community members, to collect information on environmental history. The arrival of these immigrants, and their interaction with the forest surrounding Urussanga, resulted in the loss of many species of plants and animals, the extermination of local native American tribes, and the pollution of rivers by coal mining activities.

INTRODUÇÃO

As florestas de Santa Catarina estão incluídas no chamado Domínio da Mata Atlântica (IBGE, 1990). Grupos humanos convivem com esta floresta há 2000 anos (HAUBERT, 1999). No último século ela foi reduzida principalmente em função da formação de colônias de europeus no estado.

A região de Urussanga foi colonizada no final do século XIX por imigrantes italianos. Este movimento se inseriu num contexto de transformações na área de origem e políticas de migração incentivada pelo governo brasileiro. O deslocamento de grupos migrantes para as regiões de Mata Atlântica promoveu muitas alterações ambientais. Diante disso, alguns

* Historiadora. Mestranda PPG Agroecossistemas/CCA/UFSC Sebrae/Fapeu

historiadores têm estudado a interação entre grupos humanos e florestas e as alterações ambientais provocadas por esta interação.

Apesar de a maioria das regiões do estado ocupadas por imigrantes europeus neste período terem sofrido impactos ambientais, em cada uma destas regiões a interação entre os grupos humanos e as florestas apresentou características particulares. Perceber a interação dos agricultores e a floresta da região de Urussanga entre as décadas de 1870 e 1920 é uma forma de reconstruir a história local pela perspectiva da História Ambiental.

A História Ambiental surge no final da década de 1960, associada a uma preocupação crescente com a qualidade do ambiente e da saúde humana diante do progresso industrial (NASH, 1990). Desde seu surgimento a disciplina passou por diferentes elaborações teóricas em momentos históricos distintos. Mais recentemente, o discurso da disciplina passou a refletir a compreensão de que mesmo sociedades não industriais causavam impactos ambientais (DIAMOND, 2002; WORSTER, 1991). A perspectiva histórica passou a ser usada compreender as origens dos problemas ambientais contemporâneos.

Os estudos em História Ambiental têm, em geral, como principal abordagem a interdisciplinaridade. Diante da intensa fragmentação dos conhecimentos esta abordagem permite compreender fenômenos de diferentes áreas de estudo como a Biologia, a Ecologia, a Geografia, a Etnologia entre outras. O enfoque interdisciplinar instrumentaliza a análise da relação entre o meio e o homem (KLANOVICZ E NODARI, 2005; PRANCE, 1995).

Na historiografia do sul do Brasil que aborda a questão florestal é marcante a ênfase na exploração madeireira, devido à importância deste recurso nas áreas ocupadas no planalto dos estados, onde abundavam as florestas de Araucárias (BELLANI, 1991; EDUARDO, 1974; LAVALLE, 1981; LUZ, 1980; THOMÉ, 1995). Mas, em outras regiões como no litoral e encosta da serra, as atividades agropecuárias desenvolvidas pelas comunidades de imigrantes promoveram um forte impacto nas formações florestais nativas (CARVALHO E NODARI, 2006).

Em Urussanga a interação entre os colonos e a floresta passou por diferentes fases entre o final da década de 1870 e a década de 1920. Já na chegada, ocorreu a derrubada de áreas de floresta, para a construção das casas, tafonas, cantinas e para o estabelecimento de lavouras e pastagens. Depois, a expansão dos vinhedos ocupou mais espaços florestais e, no final do período, a exploração carbonífera além de reduzir os remanescentes florestais do município, gerou resíduos poluentes, mantidos nas proximidades ou despejados nos rios e riachos da região.

Segundo Worster (1991) as pesquisas em História Ambiental devem ocorrer em três níveis: o nível da natureza em si, o nível sócio-econômico, das relações sociais e de trabalho, e o nível do imaginário relacionado ao ambiente nativo. Em Urussanga as interações entre os ítalo-brasileiros e a floresta levaram a diminuição de muitas espécies nativas. A comunidade criou distintas formas de exploração econômica dos recursos naturais que geraram diferentes relações de trabalho e, também, influenciaram as relações sociais de todo o grupo. As transformações ambientais representaram também as idéias e sentimentos do grupo em relação a Mata Atlântica.

A partir da historiografia local, das memórias dos antigos moradores de Urussanga e de muitos documentos existentes nos arquivos públicos regionais e estaduais foi possível registrar este processo e perceber as referências ligadas ao ambiente compartilhadas nos discursos (BALDIN, 1999; BORTOLOTTI, 1992; ESCARAVACCO, 1984; FERREIRA, 2001; FERREIRA E AMADO, 1996; MARZANO, 1994; MARQUES, 1990; MEIHY, 1998; VETTORETTI, 2001). Também a observação da paisagem e das imagens construídas pelas comunidades permitiu perceber como ocorreu a interação entre os imigrantes e a floresta (KLANOVICZ E NODARI, 2005; NORA, 1984).

A COLONIZAÇÃO EUROPÉIA NA REGIÃO DE URUSSANGA

No século XIX, a Itália era composta de Estados independentes baseados no sistema de produção feudal, onde a maioria dos agricultores não detinha a posse da terra. A situação sócio-econômica desta população tornou-se ainda mais complicada com as lutas de unificação e a introdução do sistema industrial de produção. Os imigrantes que se instalaram na região de Urussanga vieram das províncias do Vêneto, Piemonte e Lombardia no norte da península (BALDIN, 1999; BORTOLOTTI, 1992; ESCARAVACCO, 1984; FERREIRA, 2001; MARZANO, 1994; MARQUES, 1990; VETTORETTI, 2001).

Os países latino-americanos tinham como práticas comuns políticas que incentivavam a vinda de imigrantes europeus. Especificamente no Brasil, o binômio imigração-colonização foi bastante forte durante Império e República. As elites políticas e intelectuais queriam para o Brasil “uma imigração preferencial de lavradores brancos europeus que pudessem implantar no país uma nova forma de produção agrícola baseada na pequena propriedade” (SEYFERTH, 2000).

O estabelecimento dos colonos na região de Urussanga esteve sob a responsabilidade do maranhense Vieira Ferreira (2001). Em 1877, os primeiros colonos chegaram a SC pelos portos de Florianópolis e Laguna. A partir de Laguna, subiram o rio Tubarão em canoas e

seguiram a pé ou em carros de boi até o local da futura colônia Azambuja. Em 1878 foi fundada Urussanga.

A demarcação dos terrenos ocorreu no sistema de linhas, que seguiam para dentro dos vales dos rios e riachos. Este sistema promoveu o isolamento das famílias em seus lotes, separados pela floresta, cada vez mais distantes da sede da colônia. No imaginário dos imigrantes a floresta era um elemento inesperado no novo continente. Vettoretti (2001) enfatiza as representações feitas sobre a vegetação pelos colonos:

“Este isolamento em meio a floresta era, no mínimo, apavorante. Esta forma de morar produziu um choque emocional. Na Itália, mesmo nos mais simples arrabaldes, eles habitavam num conjunto de casas com suas famílias e as atividades agrícolas estavam nas proximidades, em campo aberto”

A Mata Atlântica produzia ecossistemas muito mais complexos do que aqueles com os quais os imigrantes estavam acostumados a lidar. A floresta provocava temor nos colonos, que desconheciam as espécies tanto vegetais quanto animais, os ruídos e os povos nativos que dela viviam: “quantas vezes rumores incomuns e horripilantes acordavam as crianças no meio da noite” (VETTORETTI,2001).

Percebe-se nos discursos a preocupação com a simplificação do ambiente, tornando “esta floresta um aprazível bosque”(FERREIRA, 2001). Logo após a escolha da área foi iniciada a retirada das árvores. Em Azambuja, a mata ciliar foi a primeira retirada. Fotografias representam as primeiras casas muito próximas ao rio(FERREIRA, 2001). Após a derrubada teve início a queimada:

“O fogo devorava tanto o mato miúdo ceifado pela foice, como o graúdo abatido pelo machado, ardendo com suas trágicas labaredas onde reinava a frescura das folhas, que, secas, mantinham acamadas a umidade do chão, e verdes, espessando as ramas, ensombravam o espaço no intercolúquio dos troncos.”
(FERREIRA, 2001)

Espécies nobres de madeiras como a canela, louro e cedro foram processadas nas pequenas madeireiras locais e, junto com palmiteiros, foram utilizadas na construção de casas e confecção de mobiliário, ferramentas e equipamentos. De Pellegrin, morador de Urussanga hoje com 87 anos, recorda das casas feitas com palmiteiros. Outras espécies, como o caeté, eram usadas nas coberturas das casas. Outro registro é o uso dos frutos do palmiteiro jussara para fazer sucos de açaí, usados também no vale do Itajaí e na Amazônia (FERREIRA,2001; FADDEN,2005).

Os imigrantes italianos trouxeram conhecimentos práticos e plantas e animais. Pesquisadores indicam que boa parte do sucesso das colonizações européias em diferentes partes do mundo deveu-se a este conjunto de seres vivos levados pelos europeus nas suas expansões(CROSBY,1993; DIAMOND,2002). De fato, as conquistas européias

aceleraram o processo de difusão de diversos produtos. No século XIX, os produtos agrícolas de todos os continentes, como o milho e as batatas americanas, o trigo e a cevada do Mediterrâneo, as bananas e a cana de açúcar asiáticas(HARLAN, 1995;SMITH, 1998), o arroz africano(CARNEY, 2001) já haviam sido dispersados entre os continentes. No entanto, com o passar do tempo os agricultores das diferentes partes do mundo selecionaram variedades mais adaptadas e técnicas de manejo adequadas à suas regiões (HARLAN, 1995). Estas técnicas de manejo dificilmente puderam ser transferidas de um ambiente para outro, sem grandes prejuízos ambientais. A agricultura indígena, que atendia às necessidades de seus amplos agrupamentos humanos, também causou alterações nos ambientes nativos de SC, mas com menor impacto(CABEZA DE VACA, 1987; LEITE, 1945; MELLO, 2005).

Entre estes seres vivos trazidos pelos imigrantes estão plantas cultivadas como trigo, cevada, uvas, animais domesticados como cavalos, bois, porcos e galinhas (DE PELLEGRIN,2006; FERREIRA,2001; VETTORETI,2001). Os colonos plantaram milho, feijão, abóbora, arroz, mandioca e cana de açúcar (FERREIRA,2001; VETTORETTI,2001). Estes cultivos mesclaram os conhecimentos trazidos da Europa com outros aqui adquiridos e resultaram em roças alinhadas fixas em áreas limpas pelo fogo. Em oposição a este modelo estavam as roças itinerantes¹, utilizados pelos grupos indígenas que não sofriam as limitações impostas pelas estreitas fronteiras dos lotes demarcados. Também os sistemas agroflorestais², eram utilizados como o palmital sombreado citado por Ferreira (2001).

A utilização dos animais domesticados implicou na derrubada de mais áreas de floresta para o estabelecimento de pastagens e de roças para produção de alimentação animal, “enquanto não cresceu para forragem o capim que foi plantado, nem a grama semeada cerziu o espaço entre suas covas, teve o gado, afora as rações de milho, o sustento que a mata ministrava, pastando os cavalos folhas de taquari e as vacas a tenra grandíúva”(FERREIRA,2001).

Com o estabelecimento dos imigrantes e destes vegetais e animais, as espécies nativas sofreram fortes reduções populacionais. Arvore de floresta clímax, como canela, louro, cedro e palmeiras, desapareceram totalmente da área. Animais, como bugios, antas, onças e outros felinos, tatus e diversas espécies de pássaros também foram dizimadas. Fotografias mostram estes eventos (COSTA,2006; ESCARAVACCO,1984; FERREIRA,2001). Também os grupos indígenas foram expulsos ou dizimados. A região era habitada por grupos Guarani e Jê como

¹ os indígenas praticavam a coivara para limpar áreas de capoeira utilizadas na agricultura, após algum tempo estas áreas são abandonadas e podem se regenerar.

² sistemas produtivos onde se associam árvores de interesse do grupo a culturas agrícolas e animais (Nair, 1993).

se pode observar pelos objetos recuperados pelos colonos no museu local e por pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região (HAUBERT ET AL, 1999). As imagens construídas sobre as populações indígenas que habitavam a área quando os imigrantes chegaram é de conflito e temor. Estas imagens aparecem nos discursos da comunidade e em obras de arte presentes no parque municipal, onde são realizadas as festas étnicas anuais (BETIOL,2006; DE PELLEGRIN,2006; VETTORETTI,2001; FERREIRA,2001). Ao mesmo tempo, relatos indicam algum contato pacífico especialmente entre jovens indígenas criados por famílias locais (BETIOL, 2006; SIMÕES, 2006).

A ocupação europeia em Urussanga foi o catalisador de alterações do ecossistema nativo.No período inicial de ocupação da região, atividades agropecuárias estabelecidas foram o fator mais importante na transformação da paisagem.

OUTRAS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM

A região tinha acessos ruins. Uma estrada de ferro foi construída para melhorá-los a partir de 1890. A utilização de mão de obra local movimentou a economia da colônia por 20 anos. Esta obra implicou na derrubada de mais porções da floresta local, para permitir o trabalho das equipes, o armazenamento dos materiais utilizados,o estabelecimento de estações, depósitos e núcleos populacionais no entorno destas edificações (BETIOL,2006; DE PELLEGRIN,2006).

A estrada de ferro foi inaugurada em 1919. Com melhores acessos a produção e comercialização de mercadorias coloniais, cervejas, salames, queijos e vinho, aumentou. A produção de vinho nas colônias era uma atividade não especializada onde cada família produzia seu próprio vinho (VETTORETTI,2001). Nas palavras de De Pellegrin: “todos plantavam uva e todos produziam vinho ‘para o gasto’”. O aumento na produção de vinho foi precedido por um considerável aumento das extensões de videiras cultivadas na região e pela derrubada de novos fragmentos florestais. É uma imagem viva nas memórias da comunidade a grande extensão dos parreirais até em áreas centrais, que hoje estão plenamente urbanizadas. Os cultivos de uva no município eram extensos a ponto de serem capazes de atender a demanda das várias vinícolas que se estabeleceram no período(BEZ BATTI,2006; BETIOL,2006; CADORIN,2006; DAMIAN,2006; SIMÕES,2006). O relatório de Fruticultura do Ministério da Agricultura (1932) indica que Urussanga era o município do estado onde a produção de vinho era “mais apreciável, em relação a área do município”.

A segunda década do século XX marcou o início da exploração carbonífera local. Urussanga está localizada sobre a formação carbonífera Rio Bonito, nas camadas Barro Branco, Bonito e Irapuá (COSTA ET AL,1984). A existência de jazidas de carvão foi

percebia pelos primeiros imigrantes recém chegados que a utilizavam como combustível para os fornos das ferrarias e em outras necessidades (FERREIRA,2001). As primeiras empresas exploradoras de carvão surgiram no contexto da 1ª. Guerra Mundial. Profissionais de outras regiões do país como RJ, MG e SP foram trazidos para trabalhar nos escritórios das mineradoras. Em 1919 com a inauguração da estrada de ferro, a produção de carvão teve impulso. A atividade de mineração produz alto impacto ambiental, uma vez que altera fortemente a paisagem, derrubando áreas florestais, explorando as margens dos rios e escavando minas. Dentre outros problemas, a mineração produz ainda uma grande quantidade de rejeitos, que nesta área, ficaram por muito tempo depositados em lugares inapropriados tanto para a proteção dos ecossistemas quanto para a saúde humana.

Para a população local, a indústria do carvão se apresentou como uma atividade de alta remuneração e curta carreira com aposentadoria precoce aos 15 anos de trabalho, atraindo muitos agricultores da região. A princípio, estes agricultores dividiam sua jornada de trabalho entre as duas ocupações, trabalhando parte do dia nas minas e a outra parte no campo. Com o tempo, estes trabalhadores abandonaram as atividades agrícolas e dedicaram-se exclusivamente à extração do carvão (BETIOL,2006; BEZ BATTI,2006; CADORIN,2006; DAMIAN,2006; MAESTRELLI,2006; MAZON,2006; SIMÕES,2006; TRENTO,2006). Muitos colaboradores relacionaram a exploração do carvão com o declínio da atividade das vitivinícolas e com a poluição dos rios e solos de Urussanga (CADORIN,2006; DAMIAN,2006; DE PELLEGRIN,2006; MAESTRELLI,2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como citado por Carvalho e Nodari (2006), “a colonização européia teve um impacto profundo na paisagem de Santa Catarina, pois significou a migração de todo um contingente populacional e de todo um modo de vida, baseado na pequena propriedade agrícola, exploração da pecuária e trabalho familiar”. Na atividade agropecuária baseada no modelo utilizado na Europa a existência de florestas é incompatível já que sua base é a idéia de simplificação e controle do ambiente e dos recursos (Nair, 1993).

Na década de 1920 a paisagem de Urussanga era completamente distinta daquela encontrada pelos antepassados italianos no final da década de 1870. Tanto as atividades agropecuárias de subsistência como a posterior expansão dos cultivos de videira ou ainda a exploração carbonífera contribuíram para as modificações ambientais na região. É recorrente no discurso dos colaboradores locais a ênfase nesta última atividade como a grande causadora da devastação local, desmerecendo a importância das atividades precedentes neste processo. Tal discurso reflete as escolhas identitárias do grupo que nas últimas décadas tem buscado

construir referências baseadas na valorização do passado e das experiências dos antepassados migrantes.

Reproduzindo técnicas aprendidas, tanto na Europa como aqui, os colonos conseguiram se estabelecer. Mas a floresta foi altamente impactada. Segundo Dean (1996): “Clareiras abertas por temporais podem levar cem anos para alcançar um estado sucessório maduro, idêntico ao da floresta vizinha. Clareiras produzidas para abrigar fazendas ou agricultura de grande escala podem impedir o retorno a um estado maduro por tempo muito mais longo, ou, talvez, para sempre”. Da mesma forma as cicatrizes deixadas pela exploração do carvão mineral podem nunca mais desaparecer, marcando a paisagem da região de Urussanga com sinais das atividades dos grupos humanos que a ocuparam.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALDIN, N. *Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os Vênetsos em SC*. Fpolis: Ins., 1999. 272p.
- BELLANI, E.M. *Madeiras, Balsas e Balseiros no Rio Uruguai (1917-1950)*. Dissertação (Mestrado em História). UFSC, Fpolis, 1991.
- BETIOL, Adão. Entrevista concedida a Paola Rebollar. Urussanga, out/2006.
- BEZ BATTI, Haroldo. Entrevista concedida a Paola Rebollar. Urussanga, out/2006.
- BORTOLOTTI, Z. H. *História de Nova Veneza*. Nova Ven.: Pref. Mun., 1992. 339 p.
- CABEZA DE VACA, A. N. *Naugrafios e Comentários*. SP: LPM, 1987. 109p.
- CADORIN, Orlando. Entrevista concedida a Paola Rebollar, set/2006.
- CARNEY, J. A. *Black Rice: the African origins of rice cultivation in the Americas*. London: Harv. Univ. Press, 2001. 239 p.
- CARVALHO, M.M.X. e NODARI, E.S. Os colonos europeus e a floresta de araucária: a transformação da paisagem no final do século XIX e início do século seguinte. In: *Anais do XI Enc. Est. História: Mídia e Cidadania*. Fpolis : ANPUH/SC, 2006
- COSTA, A.; UBERTI, F.; DALEIRO, V.; DIAS, N. L. Sísmicas de alta resolução para carvão, Criciúma/SC. *Soc. Bras. Geol.*4: 227 – 230, 1984.
- CROSBY, A. *Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa: 900-1900*. SP:Cia das Letras, 1993.
- DAMIAN, Hedi. Entrevista concedida a Paola Rebollar. Urussanga, set/2006.
- DAMIAN, Renato. Entrevista concedida a Paola Rebollar. Urussanga, set/2006.
- DEAN, W. *A ferro e a fogo: a historia da devastação da Mata Atlântica brasileira*. SP: Cia Letras, 1996.
- DE PELLEGRIN, Achile. Entrevista concedida a Paola Rebollar. Urussanga, set/2006.
- DIAMOND, J. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. RJ: Rec., 2002. 472p.
- EDUARDO, R.P. *A madeira em Santa Catarina (1930-1974)*. Dissertação (Mestrado em História). UFPR, Ctba, 1974.
- ESCARAVACCO, A. *Urussanga as imagens da História*. Urussanga: Emp. de Com. e Ass., 1984. 196p.

- FADDEN, J.M. *A produção de açaí a partir do processamento dos frutos do palmitero (Euterpe edulis martius) na Mata Atlântica*. 2005. 100f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) UFSC, Fpolis, 2005.
- FERREIRA, F.C.V. 2001. *Azambuja e Urussanga: memória sobre a fundação, pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, de uma colônia de imigrantes italianos em SC*. Orleans: Graf. Lelo, 2001. 121p.
- FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. *Usos e abusos da História Oral*. RJ: Ed. FGV, 1996.
- HARLAN, J.R. *The living fields: our agricultural heritage*. Camb.: Un. Press, 1995. 271 p.
- HAUBERT, F.; SCHMITZ, P. I.; ROSA, A. O.; IZIDRO, J. M.; KREVER, M. L. B.; BITENCOURT, A. L. V.; ROGGE, J. H.; BEBER, M. V. *Içara - Um Jazigo Mortuário na Praia de Santa Catarina*. São Leop.: Pesquisas, Antrop., 1999. 171 p.
- IBGE. *Geografia do Brasil: região sul*, vol. 2, 1990. 419p.
- KLANOVICZ, J. e NODARI, E.S. *Das araucárias às macieiras: transformações da paisagem em Fraiburgo/ SC*. Fpolis: Ins., 2005. 104p.
- LAVALLE, A.M. *A madeira na economia paranaense*. Ctba: Grafipar, 1981.
- LUZ, C.F.C. *A madeira na economia de Ponta Grossa e Guarapuava (1915- 1974)*. Dissertação (Mestrado em História). Ctba: UFPR, 1980.
- LEITE, S. *Historia da Cia de Jesus no Brasil*. RJ: Inst. Nac. do Livro, 1945.
- MAESTRELLI, Sérgio Roberto. Entrevista concedida a Paola Rebollar. Urussanga, set/2006.
- MARQUES, A.N. *História de Urussanga*. Urussanga: Sec. Ed., 1990. 225p.
- MARZANO, Pe. L. *Coloni e missionari italiani nelle foreste del Brasile*. Bel.: Tipog. Piave, 1994. 335 p.
- MAZON, Giselda Trento. Entrevista concedida a Paola Rebollar. Urussanga, set/2006.
- MEIHY, J. C. S. *Manual de historia oral*. SP: Loyola, 1998. 86p.
- MELLO, A.D. de. *Expedições e Crônicas das Origens: SC na era dos descobrimentos*. Fpolis: Exp., 2005. 623p.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Dpto de Fruticultura. *Relatório*. RJ, 1932.
- NAIR, P. K. R. *An introduction to agroforestry*. Neth.: Kluwer Acad. Pub., 1993. 499p.
- NASH, R. *The rights of nature: history of environmental ethics*. Wisc.: Un. Press, 1990.
- NORA, P. *Memoire et Histoire: le problematique des lieux*. Les Lieux des memoire. Paris: Gal., 1984.
- PRANCE, G. Ethnobotany today and in the future. In: *Ethnobotany, evolution of a discipline* (Schultes e von Reis, org.). Portland: Dio. Press, 1995. p. 23 – 39.
- SEYFERTH, G. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão migratória no Brasil. In: ZARUR, J. C. L. *Região e Nação na América Latina*. Bras.: Ed. UNB, 2000. p. 81 – 109.
- SIMÕES, Minervina Bez Batti. Entrevista concedida a Paola Rebollar. Urussanga, out/2006.
- SMITH, B. D. *The emergence of agriculture*. NY: Scient. Amer. Lib., 1998. 230 p.
- THOMÉ, N. *Ciclo da Madeira: história da devastação da Floresta da Araucária e do desenvolvimento da indústria madeireira em Caçador e na região do contestado no século XX*. Caçador: Imp. Un., 1995.
- TRENTO, Olga Fréccia. Entrevista concedida a Paola Rebollar. Urussanga, out/2006.
- VETTORETTI, A. A colonização italiana nos vales do Tubarão e de Urussanga e a Colônia Grão-Pará. In: Piazza, W.F. (org.), *Italianos em SC*. Fpolis: Lunardelli Ed., 2001. p. 149 – 331.
- WORSTER, D. Para fazer História Ambiental. *Est. Hist.* 4 (8): 202 – 209, 1991.